

## CORPO INTERSEXO E INTERSEXUALIDADE: TEMAS DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA

### **Luciana Aparecida Siqueira Silva**

*Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia -  
UFU, siqueira.lusilva@gmail.com.*

### **Elenita Pinheiro de Queiroz Silva**

*Professora orientadora: doutora em Educação, Faculdade de Educação  
- UFU, elenita@ufu.br.*

### **Resumo**

Corpos intersexo apresentam variações biológicas que não se encaixam naquilo que o discurso binário define como masculino ou feminino. Discurso produzido no campo da biomedicina, que contribui para a determinação da matriz binária para pensarmos e vivermos o gênero e o corpo. Neste texto, que parte de uma tese de doutorado que se vincula a uma pesquisa ampla com financiamento do CNPq, apresentamos o que livros didáticos de Biologia, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (2012 – 2018), apresentam sobre o corpo intersexo e a intersexualidade. O nosso campo teórico e metodológico é situado em estudos sobre a intersexualidade, o gênero, o corpo e a educação de matrizes críticas e pós-críticas. Apontamos três destaques para o recorte da pesquisa que apresentaremos: 1- os livros, ao abordarem temas como reprodução humana e determinação genética do sexo, mobilizam verdades sobre a intersexualidade e sobre o corpo/organismo intersexo; 2- não localizamos nos livros os termos/conceitos intersexo e intersexualidade; 3- nos inter(ditos) e não ditos, os livros ensinam que a menstruação e/ou presença de útero é requisito de definição do ser mulher; o corpo/organismo masculino (homem) que não produz espermatozoides ou que tem mamas desenvolvidas não é legítimo; a capacidade reprodutiva é critério de normalidade.

Nos ensinamentos são colocadas em funcionamento facetas da biopolítica que despotencializam os corpos intersexo.

**Palavras-chave:** Intersexualidade, Livro didático, Sexualidade, Biologia escolar.

## Introdução

Esse texto é parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento, inserida no âmbito do grupo de pesquisa *Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação* (GPECS), vinculada à Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, fazendo parte de um conjunto de investigações circunscritas a um projeto financiado pelo CNPq<sup>1</sup>. A pesquisa busca pelos ensinamentos sobre corpos intersexo e intersexualidade<sup>2</sup> (re)produzidos por livros didáticos de Biologia, bem como as possíveis resistências às redes de poder-saber que permeiam essas narrativas. Para o escopo do presente artigo, interessamo-nos pelos ensinamentos sobre o corpo intersexo e a intersexualidade nas coleções de livros didáticos de Biologia, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>3</sup> nos editais de 2012, 2015 e 2018.

Michel Foucault é um autor que nos permite questionar a noção de sexualidade como um dado da natureza. No volume 1 da *História de Sexualidade - a vontade de saber*, o filósofo questionou a noção da sexualidade composta por verdades absolutas que seriam desveladas pelas ciências médicas e psicológicas. Formulou a noção de dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2017) como mecanismo de regulação de corpos, comportamentos e produção de subjetividades, estabelecendo-se uma rede de saberes e poderes que se apropriam do corpo

1 A pesquisa é parte do Projeto de Pesquisa “Saberes sobre corpo, gênero e sexualidades em manuais escolares/livros didáticos de biologia – Brasil/Portugal”. Chamada universal 01/2016 - CNPQ/MCTI, coordenado pela Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Brasil.

2 Importa salientar que o termo para designar as pessoas com corporeidades, quanto ao sexo, que apresentem variações biológicas que não se enquadram aos padrões culturais vigentes, está em construção e em permanentes disputas que envolvem instâncias médicas, jurídicas e o movimento ativista. Para esta produção, adotaremos os seguintes termos: intersexualidade quando formos nos referir aos casos em geral e corpo intersexo em situações específicas.

3 O PNLD é um programa que tem como objetivo distribuir, gratuitamente, livros e materiais didáticos para todos/as os/as alunos/as e professoras/es que atuam na educação básica da rede pública de ensino brasileiro, tendo se instituído como política de Estado em 1985. Gonçalves (2017) apresenta de maneira detalhada uma contextualização histórica desse programa.

em sua materialidade viva. Ao longo de seu pensamento, procurou mostrar como, ao longo dos séculos XIX e XX, no Ocidente, tal dispositivo atuou como elemento organizador e definidor de verdades nos sujeitos, produzindo efeitos de normalização e patologização relativos ao sexo. Em suas análises, destacou que corpos e práticas eróticas foram esquadrihados com vistas ao estabelecimento da fronteira entre o normal e o patológico, fundindo os discursos médico, jurídico, psicológico e governamental na produção do sujeito. Para ele, o dispositivo, ainda atua como elemento organizador e definidor de verdades sobre os sujeitos. Verdades essas que produzem efeitos dos procedimentos de normalização e de patologização sobre o sexo e as experiências do desejo e do prazer (FOUCAULT, 2017).

No deslocamento das proposições de Foucault para a educação escolar, a disciplina Biologia pode ser espaço produtor e disseminador de saber-poder sobre corpos, gêneros e sexualidades. O livro didático é parte desse espaço, considerando a centralidade que tem nos processos de escolarização no Brasil, atuando também como um dispositivo (SILVA; PARREIRA, 2013). Em razão dessa centralidade e da importância da política do livro no Brasil é que procuramos pelas redes de saber-poder sobre a intersexualidade e os corpos intersexo em que se ancoram os textos dos livros didáticos de Biologia aprovados e distribuídos via PNLD 2012, 2015 e 2018.

Corpos intersexo são aqueles que não se enquadram nas definições biomédicas binárias de corpo sexuado, masculino ou feminino. São pessoas que nascem ou desenvolvem características sexuais relacionadas à genética, à anatomia sexual e/ou aos órgãos reprodutivos e genitais que fogem aos referidos padrões (PINO, 2007), sobre as quais voltam-se os olhares das ciências biomédicas, na busca de um verdadeiro sexo, já que “[...] desafiam o sistema binário de sexo e de gênero, bem como escrutinam, em diferentes esferas sociais, os critérios utilizados para que alguém possa ser considerado homem ou mulher” (MACHADO, 2005, p. 269). Esses critérios variam ao longo do tempo, em diferentes culturas<sup>4</sup>. Intersexo, conforme Nádía Perez Pino (2007, p. 153)

4 Na República Dominicana e na Nova Guiné, segundo Machado (2005), há um código social que inclui três sexos ao invés de dois. Em função da deficiência na produção de uma enzima (5-alfa-redutase), ocorre o nascimento de crianças com cariótipo XY e genitália externa não virilizada, sendo comum que a virilização aconteça na

é um termo de origem médica que foi incorporado pelos ativismos para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que entendemos por corpos masculinos ou femininos [...]. São corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aquele que os vê [...]. São corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico. Esta “não-humanidade” ou “anormalidade” justificará as intervenções médicas com o intuito de adequá-lo ao ideal do dimorfismo sexual.

Corpos com conformações genitais que fogem ao padrão binário e dicotômico, colocam a materialidade biológica à prova de modo contínuo e reiterado desde a idade Média, quando eram nomeados como hermafroditas. A partir do surgimento da endocrinologia como uma subárea da medicina, passaram a ser categorizados, o que acarretou um outro entendimento acerca da intersexualidade, assentado no diagnóstico (BRANCO, 2018). Esses corpos sexualmente ambíguos não são unicamente corpos que fogem às normas, mas que rompem com os ideais de uma sexualidade biologicamente dicotômica, desafiando o saber médico no que ele tem de mais sólido: o suposto caráter científico, fragilizando o discurso biologizante.

De acordo com Fausto-Sterling (2000), existe uma política de gênero que constrói um padrão de sexualidade em interlocução direta com o que é estruturado socialmente, o que influencia os parâmetros segundo os quais cientistas leem os eventos da natureza em busca de verdades aplicáveis ao mundo social. Desse modo, para que corpos sexuados sejam estudados e interpretados, são tomadas verdades assentadas em relações sociais, de modo que médicos são atores sociais produtores de cultura. A antropóloga brasileira Paula Sandrine Machado desenvolve essa ideia de forma detalhada ao argumentar que “[...] o sexo é tão construído na cultura quanto o gênero e que as fronteiras entre o “natural” e o “não natural” são facilmente borradas quando se trata de defini-las a partir do que é considerado dentro

---

puberdade. “Na República Dominicana, por exemplo, essas crianças serão chamadas de *guedoche* (que significa “pênis aos doze”) e não são consideradas homens. Os *guedoche* têm um outro estatuto social e biológico” (MACHADO, 2005, p. 260).

ou fora das normas sociais” (MACHADO, 2005, p. 253). Ao longo do artigo, a pesquisadora relata casos de culturas que constroem diferentes valores atribuídos a homens e mulheres, colocando em questão a inevitabilidade do dimorfismo sexual em seres humanos, defendendo que

o sexo deixa de ser natural e que o modelo dicotômico é uma construção social, que se impõe como norma para todos os corpos. Isso equivale a dizer que não é necessariamente a partir da natureza que se criam as dicotomias, e sim que se aprende a perceber o mundo como dicotômico, restando pouca tolerância para a indefinição e a ambiguidade (MACHADO, 2005, p. 261).

No que se refere às cirurgias “corretivas” que são realizadas nas pessoas intersexo (bebês, crianças e jovens) e utilização de tratamentos hormonais para a normalização das genitálias, a autora informa que o sexo vai sendo construído, na busca por um sexo verdadeiro, “[...] apesar de todas as variações que a anatomia possa apresentar e de todas as incertezas da própria medicina” (MACHADO, 2005, p. 269).

Nesse sentido, a Biologia como disciplina escolar, pode ser tomada como um território de produção de verdades sobre o sexo reiterando o binarismo e a heteronormatividade, movimentando “formas de pensar e de agir; práticas e textos que podem tanto contribuir para a manutenção da cultura discursiva dominante do sexo, da sexualidade e do gênero, quanto participar de processos de transgressão da mesma” (SILVA, 2015, p. 200).

Esta pesquisa alinha-se ao pensamento de Silva (2015), ao apostar que a Biologia escolar, apresenta “possíveis potencialidades para outras configurações discursivas acerca da ideia de sexo e de gênero” (SILVA, 2015, p. 200). Busca por uma biologia escolar que seja potente no sentido na produção de uma concepção de humanidade na qual tornar-se alguém não esteja definido pela presença de uma genitália alinhada a um determinado tipo de comportamento sexual e identidade de gênero.

## Metodologia

Nessa investigação, consideramos as narrativas sobre a intersexualidade e os corpos intersexo presentes em livros didáticos de

Biologia. Para isso, adotamos uma abordagem qualitativa de caráter documental, com inspiração foucaultiana. Elegemos como fontes de informações capítulos que tratem sobre reprodução humana e determinação genética do sexo, de onze coleções de livros didáticos de Biologia aprovados no PNLD 2012, 2015 e 2018<sup>5</sup>, tendo sido consideradas as versões que incluem o manual do professor. Os livros didáticos estão sendo tomados como documentos (CELLARD, 2020) e dispositivos (SILVA; PARREIRA, 2013), tendo em vista que estes são materiais amplamente adotados no contexto escolar que trazem em seu bojo um conjunto de saberes e normas que produzem a biologia escolar.

Após um intenso empreendimento de busca pelos livros didáticos, que mobilizou diversas pessoas e instituições parceiras, foi feito um recorte para a análise de modo que, em cada uma das coleções, foram identificados e localizados os capítulos que abordassem os seguintes temas: *reprodução e embriologia do ser humano; determinação genética do sexo e aberrações/alterações cromossômicas*. Posteriormente, foi feita a leitura detalhada de todos esses capítulos, bem como das partes do manual do professor equivalentes a cada um deles, buscando-se por todas as referências a corpos com características que abrangem as ambiguidades sexuais, tanto de forma textual, quanto imagética.

Após a leitura, foram transcritos excertos textuais e imagens digitalizadas, com intuito de identificar temas relativos ao corpo intersexo e à intersexualidade que emergiram ao longo da busca empreendida. Foram também mapeadas as permanências e descontinuidades relativas à intersexualidade no livro didático de Biologia, no período de tempo de vigência dos três editais no PNLD aqui estudados.

## Resultados e discussão

Em um primeiro movimento de leitura, nos deparamos com uma tendência de apagamento e invisibilidade de corpos não respondentes à norma binária estabelecida. No entanto, após um mergulho nessas produções, e a partir da perspectiva analítica que nos orienta,

5 Onze é o número total de coleções diferentes que participou dos três editais. Nem todas estiveram presentes nas três edições do PNLD.

foi possível identificar que o livro didático de Biologia ensina sobre intersexualidade<sup>6</sup>, mesmo não adotando tal termo, considerando que “as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio” (ORLANDI, 2005, p. 83). E o faz, predominantemente a partir de uma noção assentada na heteronormatividade e no discurso biomédico binário de determinação do sexo. Desse modo, a intersexualidade não foi localizada como uma possibilidade de existência humana que seja dada a pensar como fora do campo da anormalidade adjetiva. A partir desse achado, temos registros de que são mobilizadas algumas ‘verdades’ sobre os corpos intersexo e a intersexualidade nestes livros.

A partir das teorizações de Preciado (2014, p. 25), é que olhamos para o livro didático de Biologia com um espaço de funcionamento do que o autor chama de sistema heterossexual que, para ele, trata-se de “um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e zonas de alta intensidade sensitiva e motriz [...] que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual”. Desse modo, o enquadramento ao que é considerado como feminino torna-se possível a partir do momento em que o corpo passa a ser um “corpo-mulher” (p. 28), produzido constantemente por uma tecnologia heteronormativa que envolve diversas instituições.

Nos capítulos dos livros em análise, é constantemente reiterada essa vinculação da constituição biológica à construção do corpo-mulher, evidenciando uma posição essencialista heteronormativa, de modo que

[...] desatrelam-se nas lições da Biologia escolar as multiplicidades de sexo e de corpos, buscando, como o fazem a ciência e alguns/as de seus/as profissionais, o manejo da sexualidade; perseguindo a manutenção do normal, do binarismo de gênero e da divisão sexual, macho ou fêmea, homem ou mulher (SILVA, 2015, p. 204).

6 Nesse momento, importa salientar que as pautas que envolvem a intersexualidade no Brasil passaram a ter maior visibilidade a partir de 2018, quando foi fundada a ABRAL (Associação Brasileira Intersexo), que tem como slogan “mudar as sociedades, não os corpos intersexo”. As edições analisadas foram editadas nos anos: 2010, 2013 e 2016, período em que as discussões sobre a intersexualidade no Brasil, impulsionadas pelo movimento ativista, ainda eram incipientes.

A presença de um útero que menstrua é evidenciada como condição para o ser mulher, o que coloca corpos - mesmo aqueles com outras marcas socialmente ligadas ao feminino - fora da norma, ignorando as relações entre biologia e cultura. Alguns exemplos podem ser observados nos fragmentos a seguir:

Outra anomalia bastante conhecida é a síndrome de Turner, manifestada por pacientes  $44 + X0$ . O fenótipo é feminino, mas não há desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários por ocasião da puberdade e o sistema genital é pouco desenvolvido. Os indivíduos com a síndrome de Turner, com frequência, apresentam baixa estatura, pescoço alado, estreitamento da aorta, surdez e **amenorreia primária**, isto é, **não começam a menstruar** (PEZZI, 2010, p. 60, grifos das autoras).

Síndrome de Turner (45, X). Mulheres cujas células somáticas possuem **apenas** um cromossomo X, o que as deixa com 45 cromossomos. Pode ocorrer retardo mental, baixa estatura, os caracteres sexuais secundários não se desenvolvem, e os **órgãos genitais permanecem com aspecto infantil**. (FAVARETTO, 2013, p. 266, grifos das autoras).

A construção atual da ideia do ser homem perpassa ensinamentos sobre a determinação do sexo, na medida em que coloca o pênis, a testosterona e os espermatozoides como centrais no processo. Desse modo, conforme afirmamos em outro estudo, defendemos que “as noções de masculinidade e feminilidade são invenções históricas que variam de acordo com os contextos sociais e culturais, podendo ser diversas também dentro de um mesmo grupo de pares” (SIQUEIRA-SILVA; SILVA, 2019, p. 30) e ampliamos nosso olhar sobre a temática em questão, ao pensarmos o modo com que a noção de ser homem tem sido produzida nos livros didáticos de Biologia, no que se refere à variação intersexual conhecida como síndrome de Klinefelter, sobre a qual destacamos o excerto a seguir.

[...] Entretanto, isso geralmente provoca **baixa fertilidade**, com pouca ou nenhuma produção de espermatozoides (os testículos são pouco desenvolvidos) e, às vezes, desenvolvimento exagerado da glândula mamária (**ginecomastia**). A altura é acima da média. O tratamento hormonal pode ajudar a

diminuir esses sintomas, mas não a baixa fertilidade. Em alguns casos, pode haver amadurecimento mental um pouco mais lento, que pode ser compensado por mais atividades e estímulos na escola. (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2010, p. 234, grifos das autoras).

Ao apresentar e veicular certos discursos<sup>7</sup>, verdades e ensinamentos acerca do ser mulher e do ser homem, o livro didático de Biologia se constitui enquanto um dispositivo, instaurando entendimentos e implicações que carregam significados que vão além das categorias biológicas fêmea e macho. Ao marcarem que certos corpos, apesar de femininos, não poderão menstruar e que outros, apesar de masculinos não produzirão espermatozoides, esses textos reiteram a centralidade do papel reprodutivo vinculado ao corpo, enfatizando o dimorfismo sexual e deixando de incluir pessoas com configurações cromossômicas diversas.

## Considerações finais

Foi possível identificar, por meio da leitura dos textos, tanto destinados aos/às estudantes, quanto naqueles endereçados aos/às professores/as, que a ideia da existência de uma diferença inata entre as naturezas masculinas e femininas segue poderosa, sendo determinante no apagamento da intersexualidade como um campo existencial possível. Essa força, produzida numa perspectiva normativa está assentada na produção vinculada ao campo científico e se alastra nas diversas instâncias sociais, de modo que na escola, o livro didático de Biologia, se ocupa dessa função, sendo colocadas em funcionamento facetas da biopolítica (FOUCAULT, 2017) que despotencializam os corpos intersexo. A partir do que foi identificado até esse ponto da pesquisa, e considerando a Biologia escolar, enquanto um campo discursivo privilegiado no processo de significação do corpo, do gênero e da sexualidade na cultura ocidentalizada moderna, buscamos problematizar verdades instituídas, criando formas de pensar que nos permitam potencializar a vida.

---

7 Por discurso entendemos “o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar em discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” (CASTRO, 2009, p. 117).

## Referências

BRANCO, Fabiane Dionello. **Corpos intersexo**: borrando fronteiras da norma binária. 2018. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2018. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/btdtd/0000012239.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2021.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. 5ª reimpr. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020 (Coleção Sociologia). p. 295-316.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2000.

FAVARETTO, José Arnaldo. **Biologia Unidade e Diversidade**. 1. ed. v. 1. São Paulo: Saraiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GONÇALVES, Paulo Celso Costa. Políticas públicas de livro didático: Elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil. 2017. 233 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19891/1/PolíticasPublicasLivro.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; PACCA, Helena. **Biologia Hoje**. v. 1. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 249-281, Jun. 2005. DOI 10.1590/

S0104-83332005000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a12.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 2005.

PEZZI, Antônio; GOWDAK, Demétrio Ossowski; MATTOS, Neide Simões de. **Biologia**. v. 2. São Paulo: FTD, 2010.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 149-174, jun. 2007. DOI 10.1590/S0104-83332007000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Territórios das ciências e biologia como potência transgressora à ordem dos gêneros. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; TEIXEIRA, Filomena (org.). **Atravessamentos de gênero, corpos, sexualidades**: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios. Rio Grande: Editora da FURG, 2015. p. 197-218. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6561>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; PARREIRA, Fátima Lúcia Dezopa. **Dizeres sobre sexualidade e cultura**: o que dizem os livros didáticos de Biologia? Anais do 5º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 2º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, Universidade Luterana do Brasil, Campus Canoas/RS, 2013.

SIQUEIRA SILVA, Luciana Aparecida; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 20-44, 2020. DOI 10.14295/de.v7i2.9630. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630>. Acesso em: 8 fev. 2021.